

ILUSTRACÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINHO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1 \$000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 4.º | LISBOA, 23 DE OUTUBRO DE 1884 | NUMERO 17



FERREIROS DO HUNYAMUEZI

CHRONICA DA SEMANA

A morte de um benemerito—Os vapores da carreira de Belem
As quarentenas

NO MUNDO, onde os homens se medem pela craveira da vaidade, não era conhecido o primeiro patrão, n.º 29, do corpo de bombeiros municipaes de Lisboa, que morreu n'uma enxerga do hospital de S. José, victima da sua dedicação e dos sentimentos humanitarios, que o distinguiram, sempre, entre os seus companheiros de trabalho.

Era um marceneiro habilissimo e um bombeiro valente.

Nunca trepidou diante do perigo, e era tão reconhecida a sua coragem, que foi premiado com a medalha de prata por decreto de 17 de fevereiro de 1870, em attenção aos serviços que prestou em um incendio de um predio do largo do Calhariz, onde o seu heroismo se evidenciou de uma maneira tão cathgorica, que mereceu aquella graça.

O seu caracter e o seu temperamento concorreram para abreviar-lhe a existencia, porque, já doente, assistiu ao grande incendio das estancias de madeira da rua 24 de Julho, onde trabalhou com tal excesso, que se lhe aggravaram os seus padecimentos a ponto de nunca mais poder usar do officio e ter de ir mendigar o repouso dos ultimos dias ao leito do hospital e os ultimos palmos de terra á valla commum de todos os desgraçados.

Revolta-se-nos a consciencia contra as desigualdades sociaes, quando ellas humilham o merecimento real para exaltarem vaidosas insignificancias.

Pedro Antonio Vicente de Azevedo, o illustre finado, cuja morte commemoramos, merecia da sociedade outro galardão, que fosse estimulo para dedicações como a sua.

As enfermarias de S. José, apesar do acio, do conforto e da vigilancia dos enfermeiros e da solicitude dos medicos, são dependencias de um hospital, são a ultima taboa de salvação, a que se apegam os naufragos sacudidos pelas tempestades da existencia e são o derradeiro refugio dos ultimos dos desgraçados.

Ora um homem, que viveu sempre do seu trabalho, que foi util á sociedade, que se tornou distincto pela sua coragem, que mereceu um reconhecimento publico do seu heroismo, que tinha o seu nome inscripto no livro dos bene-

meritos, devia ter a amparar-lhe o ultimo estertor da agonia, não braços mercenarios, mas braços amigos e amovaveis.

É necessario crear um asylo para os bombeiros, para esses heroes, que todos os dias e a todas as horas arriscam, com uma abnegação inimitavel, a vida para salvar os haveres alheios e a existencia de estranhos.

A camara municipal e as companhias de seguros podem realizar esta ideia sem grandes sacrificios e levando-a a effeito bem merecerão do publico os applausos, a que têm jus os que cooperam nas grandes obras humanitarias.

×

Ha em Lisboa uma empresa de vapores para transporte de passageiros, entre diferentes pontos, pela via fluvial. Essa empresa, que tem realmente prestado um grande serviço publico, não só pela commodidade dos transportes, como pela barateza das passagens, deve, para proveito proprio e para socego do publico, desfazer umas certas apprehensões, que muita gente tem, de que os vapores empregados nas diferentes carreiras, não offerecem as garantias de segurança que devem ter todos os barcos destinados áquelle fim.

Em um dos ultimos dias houve panico a bordo de um dos vapores da carreira de Belem, porque rebentou um parafuso da machina, o que originou uma confusão indiscriptivel, sendo necessario fazer o trasbordo dos passageiros para outro vapor, que casualmente passava na occasião do sinistro.

Parece-nos que a auctoridade competente devia proceder a uma vistoria em todos os barcos da empresa para verificar se effectivamente estão em condições, que garantam a existencia de milhares de individuos, que se aproveitam d'aquelle meio de transporte.

Nós ignoramos o fundamento dos receios, que se manifestam e se propalam no publico; mas para socego de todos e para dignidade da empresa lembramos o alvitre da intervenção da auctoridade em tal assumpto, porque o julgamos tão importante que deve merecer a attenção dos poderes do Estado e da propria empresa, que de certo é a primeira interessada, em que se desfaçam essas preoccupações, que trazem receios os passageiros, que costumam aproveitar-se d'aquellas carreiras.

×

Com o progressivo decrescimento do cholera nas povoações europeias, onde tão intensamen-

te se manifestou, tem diminuído no espirito publico o receio da invasão do terrivel flagello e os interesses feridos pelas medidas, que foi necessario adoptar, principiam os seus clamores contra as providencias em vigor, que lhes são prejudiciaes.

As quarentenas são o alvo de todas as reclamações e os que não podem atacal-as com argumentos sérios recorrem ao ridiculo, como se a saude publica não fosse a lei suprema e portanto tão altamente collocada, que se torna intangivel a todos os ataques.

O governo é merecedor de todos os elogios pela solicitude e pela energia como acudiu com providencias aos primeiros rebates do receio geral.

O governo, nas medidas que decretou, não teve contemplações pelos amigos, nem atenções com afilhados; ouviu a junta de saude e, em conformidade com os pareceres d'ella, adoptou as providencias aconselhadas e manteve-as com uma hombridade, que faz honra ao caracter do nobre ministro do reino, que n'esta conjunctura deu um desmentido solemne aos que o caluniavam de indeciso e pouco energico.

Não sabemos se as quarentenas são ainda precisas; o que sabemos é que se continuam em vigor, é porque assim o entendem necessario as estações competentes, e n'esse caso é digna de louvor a auctoridade, que as torna effectivas e obrigatorias.

É melhor prevenir do que remediar, e no assumpto, em questão, não são de mais todos os rigores empregados, porque uma vez no paiz a fatal epidemia, é difficil, senão impossivel, to-lher-lhe o desenvolvimento e obstar á sua acção devastadora.

Comprehendemos a situação do commercio e os prejuizos que lhe advêm d'este estado de coisas, e por isso entendemos que devem ser consideradas as suas reclamações, para no caso de poderem ser attendidas, não se demorar a resolução d'esta questão, que effectivamente causa graves prejuizos a uma classe respeitavel e que merece toda a consideração.

O nobre ministro do reino decerto ha-de ter na devida conta a importancia d'este assumpto; e da sua provada intelligencia e da sua reconhecida rectidão deve esperar-se uma resolução definitiva, rapida e consoante aos interesses particulares e ao bem publico.

DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

Os negros não são, como muita gente supõe, completamente destituídos de faculdades intellectuaes. É verdade que a abertura do angulo facial e o desenvolvimento do cerebro dão á raça branca uma grande superioridade, mas esse facto não se pôde traduzir pela incapacidade do negro.

O preto tem certas aptidões talvez superiores ás dos brancos. O preto, por exemplo, tem uma facilidade espantosa para fazer calculos mentaes, tem uma disposição natural para aprender linguas e não deixa de ter grande habilidade para algumas artes.

A nossa primeira gravura representa os ferreiros de Hunyamuesi.

A abundancia de ferro, que elles extrahem das minas, deu em resultado haver em quasi todas as povoações officinas de fundição e de feragem, onde se encontram algumas obras notaveis pela perfeição do trabalho e pela difficuldade que ha de produzi-las, attento o atraso intellectual em que se encontram aquelles povos.

×

A nossa segunda gravura representa um bonzopedinte.

Os bonzos são os sacerdotes do bouddhismo, têm uma esphera de acção tão limitada que o seu officio quasi que está reduzido ás ceremonias funebres, porque são elles que assistem aos ultimos momentos dos moribundos, de qualquer seita que sejam, que guiam os cortejos funerarios e que segundo a vontade da familia do defunto fazem a inhumação ou a combustão do cadaver, assim como vigiam pela conservação dos tumulos.

O traje de que usam não deixa de ser gracioso e tira-lhes o aspecto da profissão, que exercem, de gatos pingados.

O chapéu é um triangulo com as dimensões de um telhado de barraca e preso ao queixo por uma corréa consistente, como era necessario para segurar aquella ampla cobertura.

O leitor, em face da gravura, pôde vêr e admirar aquelle notavel especimen.

×

Athenas é uma cidade da Grecia que tem um aspecto particular. Não tem o movimento irrequieto das ruas de Napoles, nem a actividade methodica das ruas de Londres. Assemelha-se a certas cidades da França, em que a burguezia passcia, sem ter nada que fazer. A população de

Athenas passa os dias tomando o sol nas praças publicas. Os negociantes estão sempre com um pé na loja e outro na rua. Basta passar uma hora no encruzamento das ruas Kermès e Eolo, diante do café *Bella Grecia* para vêr desfilar toda a população de Athenas.

No mercado reúnem-se os aldeãos com os seus pittorescos trajés ou com os seus nauseabundos farrapos.

No passeio publico chamado *Patchisé* reúne-se aos domingos toda a gente de Athenas.

A religião dos gregos é a religião christã com um rito particular.

O culto é imponente e fervoroso e os edificios notaveis, havendo alguns da origem do christianismo.

Os padres gregos usam habitos talaes singelos; mas os bispos, como se vê da nossa terceira gravura, cobrem-se de ouro e pedras preciosas.

×
A aldeia de Hienghene, na Nova Caledonia, é uma das mais notaveis de toda a ilha. As casas em fôrma de cortiços de abelhas têm no vertice uma estatua grosseira coberta de conchas e de craneos dos inimigos mortos na guerra.

Estas choças têm uma unica porta muito baixa e muito estreita.

O typo d'esta tribo é bello e segundo affirma Jules Garnier no seu livro de viagens, a configuração das pernas é defeituosa, o que lhes dá uma certa facilidade de posições, que seriam extremamente penosas para os europeus.

×
A nossa ultima gravura representa o *pilou-pilou*, que é uma festa dançante, celebrada por elles na occasião da colheita do inhamé.

Esta dança grotesca é executada pelos mais

robustos rapazes da tribo, os quaes depois de deporem aos pés do chefes os molhos de inhamé começam os exercicios choreographicos tão originaes como desgraçosos.



BONZO PEDINTE

CARTEIRA UTIL

PNEUMONIA

DO PRINCIPIO ao fim do anno a pneumonia ou fluxão do peito occupa habitualmente o primeiro logar nas estatísticas hebdomadarias das doenças agudas.

Em Paris mata, termo medio, trinta pessoas por semana, em Lisboa tem igualmente uma percentagem avultada nas estatísticas demographicas e nas principaes cidades da Europa faz-se representar notavelmente entre as doenças, que mais victimas fazem nas populações.

É geralmente em seguida a um resfriamento, que ella se manifesta. Mas nos dois extremos da vida, na puericia e na velhice não precisa d'aquelle pretexto, e principalmente nos velhos desenvolve-se com uma intensidade assustadora.

Todas as pessoas expostas, pela sua profissão ou pela necessidade, a resfriamentos bruscos, ou aquellas que são constitucional-

mente predispostas para a tuberculose ou escrofula, correm risco de soffrerem o rigor d'esta enfermidade terrivel.

A inflamação pulmonar typo, a pneumonia franca, a fluxão de peito verdadeira, ataca a superficie interna das visiculas do pulmão e cobre-a de uma exsudação espessa, coagulavel, formada da fibrina do sangue, augmentada em proporção consideravel.

Quando esta exsudação fibrinosa, caracteristica, não existe, a pneumonia é *catarrhal*; e cha-

ma-se *intersticial* quando a inflamação occupa a superfície externa das vesículas pulmonares; e designa-se, finalmente, com o nome de *pleuropneumonia*, quando a inflamação do pulmão se junta a da pleura. A pneumonia tem tres períodos distinctos — a fluxão, a hepatisação e a suppuração.

Os primeiros symptomas são a rapida elevação do pulso, a alta temperatura do corpo, a oppressão do doente e uma pontada dolorosissima com sede na altura do mamillo, do lado doente.

Em poucas horas estes symptomas aggravam-se e a *dyspnea* torna-se mais intensa e a sede devora o doente, a lingua torna-se branca, as dôres de cabeça augmentam de intensidade e pela auscultação reconhece-se o ingorgitamento das vesículas pulmonares.

Á medida que a doença vae fazendo a sua evolução uma parte da exsudação viscosa é expulsa em escarros côr de ferrugem e a outra espessa-se, obstruindo as vesículas e convertendo o pulmão em uma massa carnosa, compacta, e inacessivel ao ar, semelhante ao aspecto do figado, d'onde lhe vem o nome de hepatisação vermelha. O terceiro período, que se manifesta quasi sempre no oitavo ou nono dia, é caracterizado pela suppuração que se estabelece na massa dos tecidos inflamados e quasi sempre a morte é a consequencia inevitavel d'essa ultima phase morbida, se antes as vesículas pulmonares se não desobstruiram da exsudação fibrinosa.

O bom exito da pneumonia annuncia-se pela queda franca da febre e pela facilidade da respiração. O exsudado fibrinoso liquefaz-se e es-

cõa-se pelos bronchios. Uma tosse favoravel expulsa-o em grossos escarros e o ar retempera as visículas desobstruidas.

O tratamento das pneumonias é uma das questões medicas, que mais divididas traz as opiniões dos clinicos.

A escola antiga sustenta a efficacia da sangria e da administração dos emeticos em doentes elevadas. A moderna opta pelos tonicos, dando força aos doentes por meio da quina e do alcool.

Parece-nos que a prudencia manda aproveitar os conselhos de ambas as escolas e quando o individuo atacado de pneumonia é forte e robusto talvez seja conveniente a sangria, o caustico e o emetico; mas se o doente é fraco decerto a quina e o alcool e o uso dos tonicos é mais favoravel ao bom exito da gravissima enfermidade.

Em quanto o medico não chega, aconselhamos á familia dos doentes a applicação de um largo vesicatorio sobre o peito do paciente e a administração de um vomitivo de ipéca. Depois o clinico assistente aconselhará o que mais conveniente lhe pareça para debellar os terriveis symptomas, com que esta enfermidade se manifesta.



BISPO D'ATHENAS

REVISTA DOS THEATROS

O THEATRO DOS RECREIOS está sendo o theatro da moda e o ponto forçado dos amadores da opera comica.

A *Archiducqueza* tem dado enchentes successivas e os nossos artistas soffrem vantajosamente

o confronto com os artistas da opera comica italiana, que cantaram aqui aquella formosa partitura de Offenbach.

São tres actos deliciosos, com inspirados trechos de musica, perfectamente accommodada á letra do engraçadissimo poemeto, para o qual a escreveu o notavel *maestro*.

O publico não tem sido escasso em applausos aos artistas, que effectivamente os merecem, porque conseguiram, graças á intelligente direcção do ensaiador, o maestro Rio de Carvalho, vencer sérias difficuldades e vencel-as de tal arte, que conquistaram a estima publica.

Sophia de Oliveira, Pepa, Sergio, Roque e Cabral, aos quaes foram distribuidos os papeis de mais responsabilidade, desempenham-se d'elles com uma intelligencia que os honra, conseguindo até que a platcia peça que sejam bisados alguns dos numeros, que mais lhe agradam.

Os côros estão excellentemente ensaiados, e a peça está posta em scena com o esmerado gosto, que distingue o empresario d'aquella casa d'espectaculos, o sr. Salvador Marques.

A *Archiduqueza* tem, pois, diante de si um futuro prospero e os artistas noites de triumpho e o publico spectaculo selecto e attrahente.

O Colyseu vae ter tambem as suas noites de festa, porque a companhia de Henrique Diaz faz a sua estreia no proximo sabbado 25.

Não carece de réclames aquella empreza, que tem o seu credito firmado no publico pela seriedade com que, em épocas successivas, tem correspondido aos seus programmas.

Henrique Diaz não escriptura insignificancias, não *inventa* celebridades, procura-as e escriptura-as, gastando muito dinheiro para ganhar dinheiro; mas apresentando sempre ao publico os primeiros artistas, variando os espectaculos e procurando por todos os meios conservar os justficadissimos creditos, que adquiriu, de empresario intelligente, consciencioso e honrado.

Aguardamos a iniciação dos espectaculos no circo do Colyseu, como um acontecimento agradável, porque tambem apreciamos umas horas de diversão d'aquelle genero, e gostamos de admirar os prodigios de força, de equilibrio e de agilidade, que costumam ser exhibidos n'aquelle esplendido circo.

No proximo numero daremos conta das nossas impressões com relação ao Gymnasio e a D. Maria, onde tem sido levadas peças novas e algumas de verdadeiro merito.

ALBUM

UM SONHO

Ouve o meu sonho formosa
E embora chames loucura,
Como lhe acho formosura
E sei quanto és curiosa,
Não resisto á tentação
De fazer-te a narração:

.....
.....

Descansava sobre a alfombra
Recebendo a grata sombra
Das folhas da fresca olaya;
Sombra que o sol me desmaia
Ao mostrar-me a face nua,
Radiosa de luz tão sua;
Vi então surgir do espaço
Com as azitas em abraço,
Um bando d'aves graciosas,
E então que notas formosas,
Que trovas q'então lhe ouvi!
O teu nome envolto allí,
Fez surgir a tua imagem,
Dos encantos da paisagem,
Mais bella q'a luz do poente,
Mais bella q'astro ridente,
Qua a estrella q'nos cativa;
E tu qual estrella esquiua,
Que reciosa, se esconde,
Como ella foste e p'ra onde?
Jamais a brisa me disse —
Que não quiz não quiz que eu visse,
Mais teu olhar seductor
Onde eu na crença d'amor,
Esquecia o sol radiante,
O veio d'agua oscilante,
O argentino canto d'ave,
A ella, a brisa, suave,
Sim — a esquecia eu por ti!
A ciosa roubou-te a assi,
Temendo te amasse mais;
Ah! mas ao escutar meus ais
Partiu como a ave alada,
N'uma endecha suspirada,
O sol occultou a face;
P'ra q'não mais me encantasse
E volou-se ás nuvens d'anil —
N'um canto a ave gentil
Subiu a celica altura!
Eu fiquei na treva escura,
E não mais, não mais sorri —
Sem mais tarde ver-te aqui,
Depois do sonho passado,
Formoso anjo adorado.

JENNY.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

CONTINUAMOS a conversar. Eu ennumerei a Tony os motivos, que me obrigaram a regeitar a morte pela estrangulação, pelo tiro, pelo veneno, pela submersão e pela queda.

Tony escutava-me sem pestenejar e quando eu acabei disse-me:

— Mylord dá-me licença de fazer uma observação?

— Falla, Tony.

— Mylord nunca pensou na asphyxia pela rarefação do oxigenio?

— Que dizes tu, Tony? O suicidio que me propões, é o que usam as costureiras abandonadas por qualquer Lovelace de armazem.

— Oh! Eu não me refiro á asphyxia produzida pelo carvão.

— Então de que asphyxia fallas tu?

— Da asphyxia resultante da absorpção do enxofre.

— Do enxofre? Que dizes tu, Tony?

— Tenha a honra de propôr a v. ex.^a um genero de morte que é o meu ideal, e que, segundo creio, não tem nada de vulgar.

— Explica-te! disse eu já muito impacientado.

— Eis o meu pensamento: Mylord partiria para a Scicilia na minha companhia. Fariamos ambos a ascensão do Etna, levando conosco um aparelho, que inventei e que, graças a um conductor que communica com o ar respiravel, evitaria que podessemos morrer immediatamente asphyxiados. Nós desceríamos á cratera tanto abaixo quanto nos fosse possivel, depois destruiríamos o conductor e entregava-nos á exploração subterranea do vulcão. De duas uma: ou nós descobriamos maravilhas taes, que nos restituíssem o gosto da vida e n'esse caso, graças a outro recurso do meu aparelho, volveríamos ao ponto de partida, ou não podíamos resistir á atmospherá do vulcão e n'esse caso conseguiríamos o nosso objectivo — a morte. — De qualquer das maneiras parece-me que a viagem seria agradável a Mylord que tem viajado toda a superficie da terra; e se não encontrasse lá novidades tinha ao menos a alegria de estar tão proximo do mundo das sombras, que bastaria dar um passo para lá entrar.

Pareceu-me tão original o pensamento de

Tony que fiquei em silencio a ouvil-o, ainda depois mesmo que elle se callou.

Emfim a palavra abriu-me os labios e com ella appareceu o sorriso, que ha tres mezes se tinha apagado.

— Tony, disse-lhe eu, a partir d'este momento deixas de ser meu criado.

O pobre rapaz impallideceu, porque julgou que eu o tinha despedido.

— Socega, disse-lhe eu. Tu nunca mais te separarás de mim. Perfilho o teu projecto que quero executar immediatamente. Partiremos esta noite e dentro de tres semanas estaremos em Messina.

— Perdão, mylord. Partiremos esta noite, não vejo n'isso o mais pequeno obstaculo, mas não estaremos em Messina, senão d'aqui a quatro mezes.

— Quatro mezes!

— É impossivel estarmos lá antes.

— Porque?

— Porque é o tempo necessario para a construcção do aparelho, de que eu tive a honra de fallar a v. ex.^a

— Muito bem, n'esse caso dispensamos o aparelho.

— Oh, mylord! Para que havemos de perder a faculdade de viver se effectivamente encontrarmos alguma coisa admiravel, no interior do vulcão, no fundo da cratera, onde nunca entrou viajante algum, porque os mais animosos não têm passado da proximidade da sua bocca?

— Tens razão, Tony. Concedo-te os quatro mezes, pedidos, mas toma nota de que não prorrogo esse prazo, por um unico dia mais.

— Estará tudo prompto para então, mylord.

— Onde mandas tu fazer o aparelho?

— Na Allemanha.

— Muito bem, partiremos esta noite.

— Mylord, v. ex.^a conceder-me-ha uma licença?

— Sem duvida. Cada um de nós leva o seu destino e quando estiver feito o aparelho, tu prevines-me. Tens necessidade de dinheiro?

— Tenho e de muito dinheiro.

— Quanto?

— Duas ou trez mil libras sterlinas e talvez mais.

— Muito bem. Vou dar-te uma carta de credito de cincoenta mil florins para uma casa bancaria de Francfort.

Tony inclinou-se.

(Continúa.)



O «PILOU-PILOU,» FESTA NOCTURNA NA NOVA-CALEDONIA

PASSATEMPO

ENIGMA

A A. DINIZ CAVALLEIRO

A terceira com a quarta
Tem primeira com segunda.
Se disser que o todo é fructo
Não vos ciuso barafunda.

CARMO E SOUSA.

CHARADAS

AO INSIGNE CHARADISTA PEQUENO ANTONINHO

Na primeira e na segunda,
Unidas, terra verás
E n'ella argila e calcirco
Com certeza encontrarás.

A terceira e mais a quarta
Um nome de mulher são,
Por ella doido de amores
'Inda andei este verão.

Agora, Antoninho amigo,
Junta tudo por favor,
Porque então n'isso terás
Mollusco, perola, flôr.

CUSTODIO SILVA.

A ALFREDO BARBOSA RODRIGUES

Amigos e namorados
Gostam do meu tratamento
Vivo bem entre os casados
Com todo o descaramento.—1

Tenho brazão, tenho trem,
Já pertença á fidalguia,
Agora sou titular
Já não sou da burguezia.—2

Onde vaes, oh tu, barão?
A' cata d'algum conceito?
Dou-te já um que tem geito
—Vive no mar, é peixão.

J. F. SOBEAL.

PERGUNTA ENIGMATICA

O que é que se encontra nos cabrestantes, nos mastareus, nos prelos, nos vestidos, nos portos, nas paredes e nos escudos?

CUSTODIO SILVA.

Explicação do passatempo do numero antecedente

Enigma—*Tanto morre o papa como o que não tem capa.*
Charada—*Pirilampo.*
Charadas novissimas—*Manoel—Palavra—Silvano.*

Typ. da Empreza Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa
5—PATEO DO ALJUBE—5